

## O conceito de *ignorância* no livro da Sabedoria: contexto, possíveis fontes e influências

*The concept of ignorance in the book of Wisdom:  
its context, possible sources and influences*

João Bechara Ventura

### Resumo

O livro da Sabedoria emprega o conceito de *ignorância* (ἄγνοια/ ἄγνοσία) na *digressão sobre a idolatria* (Sb 13–15). Embora possa passar inadvertida, tal concepção é fundamental para a explicação da origem da idolatria, bem como para a caracterização dos ídólatras e dos ímpios segundo o autor. Ao contrário do que poderia parecer, a ἄγνοια/ ἄγνοσία não é uma simples *falta de conhecimento*, mas um estado de maldade moral, contra o qual o livro da Sabedoria procura advertir o leitor. Tendo como centro o elogio e a súplica da sabedoria divina (Sb 7–9), a obra visa preservar os judeus de Alexandria daqueles que o autor considera como frutos da *ignorância*: a religiosidade racionalista, a falta de confiança em Deus, o sincretismo e a idolatria. A ideia de ἄγνοια/ ἄγνοσία é elaborada a partir de uma síntese entre a concepção de *ignorância* presente, respectivamente, na Septuaginta e na filosofia helenística. A ἄγνοια/ ἄγνοσία é análoga a certos conceitos fundamentais do livro, como κακία (“maldade”) e κενοδοξία (“opinião vã” ou “erro”). Tal noção é útil, ainda, para a investigação do ambiente cultural do livro da Sabedoria, de suas possíveis fontes e do eventual influxo dessa obra sobre o Novo Testamento.

**Palavras-chave:** Livro da Sabedoria. Ignorância. Idolatria. Origem da maldade.

## Abstract

The Book of Wisdom uses the concept of *ignorance* (ἄγνοια/ ἀγνωσία), in its digression on idolatry (Wis 13–15). Although it may go unnoticed, the use of this concept is fundamental to explaining the origins of idolatry, as well as to characterizing idolaters and the wicked according to the author. Contrary to what might appear from a superficial reading, ἄγνοια/ ἀγνωσία is not a simple lack of knowledge, but it consists of a state of moral evil, against which the Book of Wisdom seeks to warn the reader. The Book of Wisdom is focused on the praise and the supplication for divine wisdom (Wis 7–9) and it aims to protect the Jews of Alexandria from what the author considers to be the fruits of *ignorance*: rationalist religiosity, lack of trust in God, syncretism and idolatry. The idea of ἄγνοια/ ἀγνωσία is developed from a synthesis between the concepts of *ignorance* present in the Septuagint and in Hellenistic philosophy. The conception of ἄγνοια/ ἀγνωσία is analogous to certain fundamental concepts of the book, such as κακία (“wickedness”) and κενοδοξία (“vaine opinion”, “error”). The notion of *ignorance*, as used by the author, is useful for investigating the cultural and religious environment of the Book of Wisdom, its sources, as well as the possible influence of this work on the New Testament.

**Keywords:** Book of Wisdom. Ignorance. Idolatry. Origin of wickedness.

## Introdução

O livro da Sabedoria foi escrito por volta da segunda metade do séc. I a.C. em Alexandria<sup>1</sup>, centro cultural do Egito onde uma numerosa comunidade judaica vivia em meio a adeptos de variadas formas de culto<sup>2</sup>. O contexto

<sup>1</sup> MAZZINGHI, L., Libro della Sapienza, p. 24-30.

<sup>2</sup> Acerca do ambiente religioso do Egito durante o período greco-romano: TCHERIKOVER, V., Hellenistic Civilization and the Jews; KASHER, A., The Jews in Hellenistic and Roman Egypt; BARCLAY, J., Jews in the Mediterranean Diaspora; TRIPOLITIS, A., Religions of the Hellenistic-Roman Age, p. 1-59; BIANCHI, U., La religione greca, p. 239-295; BERTHELOT, K., Regards juifs alexandrins sur les religions. Sinteticamente, pode-se afirmar que Alexandria compreendia um contexto religioso *sincretico*. Havia ali uma relativa *tolerância* religiosa que foi, sob certo aspecto, favorável aos judeus, pois lhes era consentido cultivar as próprias

religioso alexandrino oferecia, sobretudo para os judeus mais jovens, ocasião de sincretismo e a tentação de abandonarem (ou, ao menos, descuidarem) a própria religião. Além disso, à luz da obra de Filo e de outros escritos do período, é possível supor a existência de uma polêmica religiosa interna-judaica, causada pela adesão de judeus alexandrinos a um tipo de interpretação racionalista das Escrituras<sup>3</sup>. Nesse contexto, o livro da Sabedoria se dirige aos judeus do Egito, convidando-os à busca pela *sabedoria* e à prática da *justiça*.

Na primeira parte do livro (Sb 1–6), o autor estabelece uma dicotomia entre justos (δίκαιοι) e ímpios (ἀσεβείς). Anuncia os destinos opostos que uns e outros possuirão nesta vida e, principalmente, após a morte (Sb 3–4). Os ímpios, segundo o autor, apostataram de Deus, desprezando a sabedoria (σοφία) e a instrução (παιδεία), pois raciocinam de maneira falsa e enganosa (1,3; 2,1.21; 3,10-11). Enredados em considerações vãs, são desprovidos da virtude justiça, à qual o livro exorta o leitor (1,1-5). Os ἀσεβείς serão castigados e perecerão na “visita” punitiva (3,10; 19,15). Os justos, ao contrário, viverão para sempre (5,15). Depois da morte, suas almas estarão nas mãos de Deus (3,1). Sua vida terrena, transcorrida em meio a provações, é como um sacrifício agradável ao Senhor (3,6). Receberão uma “visita” divina benigna que os glorificará por toda a eternidade (3,7.9). No julgamento final, serão contados entre os filhos de Deus e os santos, e receberão um prêmio do Senhor (5,5.16).

---

tradições. Por outro lado, o ambiente religioso permissivo representava um risco para aqueles hebreus cujas raízes religiosas e culturais se encontravam enfraquecidas. A prática religiosa no Egito helenizado sofria um processo de transformação, com o surgimento de novas divindades, como Asclépio e Serápis. A adivinhação tinha espaço na piedade popular e era exercida pela astrologia, os oráculos e a interpretação de sonhos. Eram comuns ainda as associações místicas dedicadas a Ísis e a Dionísio. Além disso, era praticado, com caráter oficial, o culto ao soberano.

<sup>3</sup> MAZZINGHI, L., Libro della Sapienza, p. 139-140. A exegese alegórica de Filo seria uma resposta a certos intérpretes que, empregando métodos de inspiração aristotélica, faziam uma interpretação “literalista” das Escrituras e relegavam à condição de “mito” os fatos extraordinários nelas descritos. A tais exegetas Filo qualificou duramente como “ateus” (ἄθεοι) e, analogamente ao livro da Sabedoria, “ímpios” (ἀσεβείς). A terceira parte do livro (Sb 10-19) se insere nesse debate: a história de Israel é reinterpretada em chave sapiencial e tipológica. Assim, o sábio critica a exegese racionalista helenizada sem, porém, adotar o alegorismo que se verificaria mais tarde na obra de Filo; MAZZINGHI, L., Gli “empi” di Sap 2 e la polemica intrajudaica ad Alessandria, p. 101-104. Sobre o debate exegético de Alexandria: SIEGERT, F., Early Jewish Interpretation in a Hellenistic Style; NIEHOFF, M., Jewish Exegesis and Homeric Scholarship in Alexandria.

Essas considerações expressam, pois, a diferença de sorte que haverá entre os judeus *ímpios* e os judeus *fiéis*. Deve-se notar, contudo, que, na perspectiva do livro da Sabedoria, a *impiedade* encontra sua máxima expressão no culto idolátrico dos gentios, em suas variadas manifestações<sup>4</sup>. Os ídólatras são o oposto da santidade (ὁσιότης) e os maiores merecedores de reprovação e castigo. Segundo Sb 14,8-14, a *idolatria* é a principal responsável pelo afastamento do ser humano em relação a Deus. A adoração de ídolos é a causa de todos os males do mundo (Sb 14,22-31); não prejudica somente as consciências: é nociva a toda a criação! Em linhas gerais, o livro da Sabedoria adota uma posição de abertura em relação à cultura grega<sup>5</sup>. Ao tratar da religião dos gentios, no entanto, o autor se mostra intransigente. Na *digressão sobre a idolatria* (Sb 13–15)<sup>6</sup> encontra-se a mais longa e complexa polêmica contra os ídolos de todo o AT<sup>7</sup>.

Pois bem, no contexto da polêmica do livro da Sabedoria contra a idolatria, o conceito de *ignorância* possui primordial relevância. A *ignorância* se opõe frontalmente à sabedoria, à qual o autor exorta os leitores<sup>8</sup>. A noção de ἄγνοια/θεοῦ ἄγνοσία é fundamental na *caracterização dos “ímpios”*. Além disso, é imprescindível para a compreensão da *origem da idolatria* segundo o livro. A ideia de *ignorância* de Deus é útil, inclusive, para a investigação das possíveis influências literárias do autor, ou ao menos para o estudo do ambiente cultural no qual o livro da Sabedoria veio à luz. Com efeito, diversas outras obras do período helenístico e romano empregam o conceito de ἄγνοια/θεοῦ ἄγνοσία em conexão com a *idolatria* e a *impureza moral*. Enfim, como a *ignorância* é mencionada em algumas cartas paulinas e em 1Pedro, essa noção pode contribuir para o debate

<sup>4</sup> Dentre as várias formas de idolatria, a mais reprovável, para o autor, é a zoolatria (Sb 15,14-19).

<sup>5</sup> “[Le livre de la Sagesse] n’a donc pas un seul adversaire, de même qu’il n’est pas le disciple d’une seule école grecque. Son école, c’est la Bible, mais incultureé sagement, acceptant ceci pour en faire son bien, rejatant cela parce qu’incompatible avec sa foi juive”; GILBERT, M., *La Sagesse de Salomon et l’hellénisme*, p. 44.

<sup>6</sup> Sb 13-15 reflete a visão negativa das religiões por parte de judeus piedosos que queriam confirmar os irmãos trepidantes na fé; AMMANN, S., *Götter für die Toren*, p. 224-225.249. Ao centro da digressão, promete-se o fim da idolatria, que ocorrerá quando da futura “visita” divina aos ídolos (Sb 14,11).

<sup>7</sup> AMMANN, S., *Götter für die Toren*, p. 192.

<sup>8</sup> ἄγνοια/ἄγνοσία derivam do verbo ἄγνοέω e exprimem a falta de γνώσις. Esses termos são empregados como sinônimo de ἀμαθία e ἀπαιδευσία, e como antônimo de σοφία e ἐπιστήμη; CERFAUX, L., *Agnoia (Agnosia)*, p. 186.

acerca do possível influxo literário do livro da Sabedoria sobre textos do NT. Este artigo se propõe, pois, a investigar as raízes, o significado e possíveis influências da ideia de ἀγνοια/θεοῦ ἀγνωσία no livro da Sabedoria.

## 1. A ignorância acerca de Deus e a sua relação com a idolatria

A diferença radical entre *justos* e *ímpios*, segundo o sábio, pode ser sintetizada no seguinte aspecto: enquanto os ímpios *ignoram* (οὐκ ἔγνωσαν; Sb 2,22) a Deus, os justos possuem o *conhecimento* (γνώσις; Sb 2,13) do Senhor. Como decorrência de tal *conhecimento*, o justo considera-se filho de Deus (2,13). A correta γνώσις do Senhor insere o ser humano numa condição de justiça e filiação divina<sup>9</sup>. Para o livro da Sabedoria, conceitos como (ἐπί) γνώσις, σύνεσις, ἐπιστήμη e σοφία – tendo Deus como objeto – não expressam apenas um saber teórico, mas uma disposição moral de justiça, confiança e obediência<sup>10</sup>. De maneira oposta, a *ignorância* acerca de Deus comporta a incredulidade, a blasfêmia, a apostasia e a *adoração* (θρησκεία) de ídolos (Sb 1,1-10; 3,10). O desconhecimento da vontade de Deus, fecha os ímpios à possibilidade de reconhecê-lo e de ouvir as advertências divinas acerca de sua conduta (Sb 2,21-22)<sup>11</sup>. No juízo escatológico, terão de reconhecer forçosamente: “Jamais conhecemos (οὐκ ἐπέγνωμεν) o caminho do Senhor!” (5,7c). A *ignorância* acerca de Deus, portanto, não é escusável. Trata-se de um vício *culpável*<sup>12</sup> que pressupõe em si mesmo a maldade ou κακία (Sb 2,21; 13,1-9). Para o livro, a manifestação mais grave de tal vício é a adoração de ídolos. Não por acaso, a *digressão sobre a idolatria* (Sb 13-15) se inicia com a frase: “São vãos, por natureza, todos os homens que se encontram na ignorância de Deus (θεοῦ

<sup>9</sup> Uma ideia análoga se encontra em 1Jo 3,2.

<sup>10</sup> Acerca de Sb 2,13: “La connaissance de Dieu n’est pas seulement un savoir spéculatif, mais une reconnaissance de Yahvé et l’acceptation de sa volonté”; GILBERT, M., La connaissance de Dieu selon le livre de la Sagesse, p. 194.

<sup>11</sup> Os *filhos* são *educados* na παιδεία, enquanto os *ímpios* são *castigados*. Os justos recebem admoestações paternas em vista da conversão, enquanto os ímpios se obstinam no mal e, por isso, receberão uma severa condenação (Sb 11,10).

<sup>12</sup> “Selon la pensée juive, «ceux qui ne connaissent pas Dieu», ne se trouvent pas seulement dans l’ignorance: ils sont pécheurs et coupables. Ne pas connaître Dieu, c’est en même temps être injuste. D’où le parallélisme: «Telles sont les demeures des injustes, tel est le lieu de ceux qui ne connaissent pas le Seigneur» (Job, XVIII, 21)”; DUPONT, J., Gnosis, p. 2.

ἀγνωσία)” (Sb 13,1a)<sup>13</sup>. *Ignorância de Deus e idolatria* são tomadas aqui como sinônimos<sup>14</sup>. Os idólatras são *ignorantes*, pois “a partir dos bens que podem ser vistos, não puderam conhecer (οὐκ ἴσχυσαν εἰδέναι) Aquele que é; examinando as suas obras, não (re) conheceram (verbo ἐπιγινώσκω) o Artesão” (Sb 13,1bc)<sup>15</sup>. Emprestada do ambiente misterioso, a ideia de ἀγνωσία possui neste caso um caráter *ativo*: trata-se de uma condição desejada e, portanto, condenável<sup>16</sup>.

Além disso, o autor estabelece uma relação implícita entre a *ignorância* e o surgimento da idolatria no mundo (Sb 14,15-21). Ao se propor a explicar a *gênese* de tal prática, afirma que tudo começou quando um pai, tendo perdido seu filho prematuramente (ἄωρος), fez uma imagem (εἰκόνα ποιήσας) dele<sup>17</sup>. Assim, passou a honrar o defunto como se fosse um deus, até ao ponto de instituir ritos e mistérios em sua homenagem (Sb 14,15). Com o tempo, essa prática de devoção familiar tornou-se um costume e passou a ser observada como lei (ἔθος ὡς νόμος)<sup>18</sup> entre os pagãos. A adoração de representações icônicas passou então a ser propagada pelos soberanos, que mandavam fazer ídolos (γλυπτοί) de si mesmos. Tal costume foi incrementado pela habilidade artística dos escultores,

---

<sup>13</sup> (Todas as citações antigas deste artigo – bíblicas ou extrabíblicas – são objeto de tradução pessoal). O emprego de “vãos (μάταιοι)” remete à versão grega do livro de Jeremias, na qual os ídolos são considerados μάταια, isto é, “[objetos] vãos” (Jr 2,5; 10,15<sup>LXX</sup>). A mesma ideia encontra-se em At 14,15: “deveis converter-vos destes [objetos] vãos (ἀπὸ τούτων τῶν ματαίων) para o Deus vivo que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que neles existe”.

<sup>14</sup> Acerca do tema da ignorância de Deus em Sb 13, recomendo a leitura de SIQUEIRA, F. S., A Contemplação do Criador na grandeza e beleza das Criaturas, p. 166-168.

<sup>15</sup> Para Marco Túlio Cícero, deve-se distinguir entre o conhecimento de Deus obtido pelos elementos presentes na mente do sujeito (que seria expresso em grego pelo verbo γινώσκω), e o (re) conhecimento de Deus fundado na observação das coisas (melhor expresso pelo verbo ἐπιγινώσκω). Haveria, assim, duas realidades distintas: (1) γνῶσις, enquanto *deum agnoscere ex operibus eius* (CÍCERO, *Tusc.* 1,70); e (2) ἐπίγνωσις, enquanto *deum mente cognoscere* (CÍCERO, *Nat. deor.* 1,37). A Sabedoria, todavia, toma γινώσκω e ἐπιγινώσκω como sinônimos; SCARPAT, G., *Libro della Sapienza*, 3, p. 28-29.

<sup>16</sup> SCARPAT, G., *Libro della Sapienza*, 3, p. 26-28. Scarpata chega a insinuar que a ἄγνοια exprimiria a falta escusável de conhecimento, enquanto a ἀγνωσία θεοῦ exprimiria a ignorância culpável dos idólatras. Essa distinção, porém, não se confirma no livro da Sabedoria, no qual também a ἄγνοια é associada à degradação moral condenável (Sb 14,22).

<sup>17</sup> A ação de se fazer (ποιέω) uma imagem (εἰκόνα) do filho é uma afronta direta a Deus, que “criou o homem na incorruptibilidade (ἐπ’ ἀφθαρσία),/ e o fez como imagem (εἰκόνα ἐποίησεν) de sua própria natureza” (Sb 2,21). O ídolo corruptível (φθαρτός; Sb 14,8) é uma paródia do homem feito na incorruptibilidade (Sb 2,23), como tal pai é paródia de Deus.

<sup>18</sup> Νόμος aqui visa contrastar a *lei* infame dos idólatras com a Lei judaica incorruptível (Sb 18,4).

que buscavam agradar os tiranos da terra por meio da produção de imagens capazes de seduzir as multidões. Assim, o culto aos ídolos se propagou por toda a terra. Essa etiologia remete o leitor atento ao passo de Sb 4,7-20, no qual o autor procura oferecer uma resposta teológica ao problema da *morte prematura*<sup>19</sup>. À luz da mensagem de Sb 1-6 – que anuncia a existência de uma vida gloriosa *post mortem* para os justos – o livro da Sabedoria inverte a perspectiva tradicional judaica, que via a morte prematura de modo predominantemente negativo<sup>20</sup>. Fundado em sua boa-esperança da *vida eterna*, o sábio conclui:

Mesmo que morra prematuramente, o justo encontrará repouso. (...)  
Tendo se tornado agradável a Deus, foi amado por Ele e,  
porque vivia entre pecadores, teve que ser transferido.  
Foi arrebatado, para que a maldade não corrompesse a sua mente  
e o engano não pervertesse a sua alma. (...)  
Tendo alcançado rapidamente a perfeição, era como se tivesse vivido  
longamente.  
A sua alma foi agradável ao Senhor e, por isso, apressou-se em escapar da  
maldade.  
O povo vê, mas não compreende,  
Nem consegue refletir sobre um tal fato:  
Que graça e misericórdia são para os seus eleitos  
E uma visita para os seus santos (Sb 4,7.10-11.13-15).

O justo, morto prematuramente, não é achacado por tormentos, nem pelo esquecimento, e tampouco pela morte definitiva. Porque é amado por Deus, ele recebe a “visita” gloriosa do Senhor, que realiza a sua “esperança repleta de

---

<sup>19</sup> A morte precoce era um tema sensível, citado em diversas inscrições funerárias do Egito dos sécs. II a I a.C.: JIGRE 12,1; 56,1; 57,1; 58,1; 59,1; 61,1; 62,1; 63,1; 65,1; 70,1; 71,1; 72,1; 76,1; 77,1; 78,1; 80,1; 94,1; 95,1; 97,1; 102,1; 103,1; 104,1; 106,1; 107,1; 109,1; 110,1; 111,1.

<sup>20</sup> Segundo a visão predominante do AT, a longevidade é sinal de benção divina: Gn 15,15; 25,8; 35,29; Ex 20,12; Dt 4,40; Jz 8,32. A vida longa é vista como recompensa pela sabedoria: Sl 90,16<sup>LXX</sup>; Pr 3,1-2; 10,27; 16,31; Jó 42,7; Eclo 1,12. Antes da consolidação da esperança *post mortem*, o tempo de vida terrena era tido como proporcional à justiça individual, à fidelidade aos preceitos divinos e ao temor a Deus: Gn 6,3; Dt 4,4; 5,16; Pro 3,2.16; 4,10; 10,27; Sir 1,12.20. Segundo tal perspectiva, o justo deveria morrer ancião: Gn 25,8; Jó 5,26; 42,16-17. Pouco depois da redação da Sabedoria, Filo ainda adotava tal visão: “Nenhum daqueles que honram as Leis morrerá cedo (...) [O justo] chegará à maturidade”; *Praem.* 110. A Sabedoria constitui uma importante etapa do desenvolvimento de uma nova perspectiva inaugurada por Daniel e 2Macabeus, que encontraria seu ápice no NT.

imortalidade” (Sb 3,1-13). A morte inesperada foi apenas *preventiva* em vista da vida eterna. Enfim, é possível afirmar que o início da idolatria se dá, segundo o livro, por causa da *ignorância* de um pai enlutado acerca dos desígnios divinos sobre o seu filho<sup>21</sup>! A *ignorância* leva ao desespero e este, por sua vez, à idolatria. Isto se confirma no *primeiro discurso dos ímpios* (Sb 2,1-20). Entre outras sentenças semelhantes, o autor coloca as seguintes palavras na boca dos malvados: “Não há remédio para a morte dos homens/ e não se conhece (οὐκ ἔγνώσθη) ninguém que possa libertar do *Hades*” (Sb 2,1cd). Os ímpios admitem assim seu *desconhecimento* (negação de γνώσκω) acerca de Deus, isto é, d’Aquele que pode sim retirar o homem da morte. De fato, o sábio declara mais adiante: “Tu [ó Deus] tens poder sobre a vida e sobre a morte,/ fazes descer à porta do *Hades* e trazes de volta” (Sb 16,13). A *ignorância* repleta de *desespero* dos ímpios é denunciada uma vez mais quando, confutando seu primeiro discurso, o autor declara:

Eles erram pensando tais coisas,  
pois sua maldade os cegou.

Eles não conhecem os mistérios de Deus (οὐκ ἔγνωσαν μυστήρια θεοῦ),  
não têm esperança na recompensa pela santidade,  
nem levam em conta o prêmio destinado às almas puras (Sb 2,21-22).

Anunciando a esperança na vida eterna, o livro da Sabedoria visa, portanto, extinguir a *ignorância* do leitor acerca dos desígnios de Deus. Quer, deste modo, preveni-lo do *desespero* e da decorrente tentação de *idolatria* e de *sincretismo*, à qual os judeus eram sujeitos na Alexandria helenizada.

Duas passagens demonstram que o livro equipara os *ignorantes* aos *idólatras*. Na primeira delas, o autor sustenta que os artesãos de ídolos exercem sua arte com esmero para agradar os governantes pagãos e para provocar fascínio na multidão de idólatras. Conclui que “a ambição dos artesãos contribuiu/ para o incremento da adoração (θρησκεία) em meio aos ignorantes

---

<sup>21</sup> No mundo helenístico, ἀγνοια e ἀγνωσία não se referem somente à ignorância sobre Deus, mas também sobre o destino da alma e sobre a correta norma de vida a ser seguida; BULTMANN, R., ἀγνοέω, p. 319. Pode-se, pois, afirmar que a gênese da idolatria, tal como descrita em Sb 14,15, possui como causa a ἀγνοια/ ἀγνωσία.

(τοὺς ἀγνοοῦντας)” (Sb 15,18)<sup>22</sup>. Na segunda passagem, referindo-se ao livro do Êxodo, o sábio declara que, quando chegaram ao Egito, os israelitas não aceitaram os idólatras que ali se encontravam, e que os egípcios, por sua vez, escravizaram os hebreus, embora estes fossem verdadeiros benfeitores do país: “Enquanto aqueles não aceitaram os ignorantes (τοὺς ἀγνοοῦντας) que lá já se encontravam, estes reduziram à servidão os hóspedes que lhes beneficiavam” (Sb 19,14)<sup>23</sup>. Estas são as únicas ocorrências de ἀγνοοῦντες no livro da Sabedoria. Para o sábio, portanto, os *ignorantes* equivalem aos *idólatras*<sup>24</sup>. A *ignorância*, afinal, tem por objeto Deus e a sua vontade. Tanto é assim que, segundo o autor, os fabricantes de ídolos *sabem* (verbo οἶδα) que sua atividade é reprovável, e por isso possuem uma culpabilidade maior que os outros idólatras (Sb 15,7-13). Tal conhecimento representa um saber inútil. Como observa o autor, quem se dedica à fabricação de imagens idólatras, na verdade, “desconhece (verbo ἀγνοέω) Aquele que o modelou,/ que lhe infundiu uma alma ativa/ e lhe inspirou o sopro de vida” (Sb 15,11). Os fabricantes de ídolos, portanto, *não conhecem* a Deus, mas *conhecem* a sua grave culpa, motivada pela ambição. A ignorância, portanto, pode se abater mesmo sobre aqueles que parecem inteligentes ou perspicazes.

Em síntese, para o livro da Sabedoria os *ignorantes* são equiparados aos idólatras e considerados os *ímpios* por excelência. O seu desconhecimento é *culpável* e torna-os *injustos*. Por fim, a *ignorância* certamente compromete a sua participação na imortalidade/incorruptibilidade prometidas pelo livro, conforme se depreende de Sb 15,3: “[Ó Senhor,] compreender (ἐπίσταμαι) a Ti é a plena justiça,/ e conhecer (εἰδέναι) o teu poder é a raiz da imortalidade”.

---

<sup>22</sup> A Bíblia de Jerusalém interpreta que τοὺς ἀγνοοῦντας se refere àqueles que ignoram o culto idólatrico: “A ambição do artista promoveu esse culto,/ atraindo mesmo os que não o conheciam”. Há boas razões, porém, para se supor que o particípio ἀγνοοῦντες se refere na verdade aos próprios idólatras, que em Sb 13,1 são equiparados aos “ignorantes”.

<sup>23</sup> Tradução inspirada na solução que Scarpat e Mazzinghi oferecem à controvertida interpretação deste versículo; SCARPAT, G., Libro della Sapienza, 3, p. 321-322; MAZZINGHI, L., Libro della Sapienza, p. 734-735.738-739.

<sup>24</sup> O particípio substantivado ἀγνοοῦντες é usado de modo idêntico para designar os idólatras em At 17,22-34.

## 2. Ignorância de Deus, idolatria e imoralidade

Como vimos, a *ignorância* acerca de Deus gera a idolatria. Esta, por sua vez, engendra todas as demais espécies de má conduta. Para a Sabedoria, a *imoralidade* humana, em suas mais variadas formas, possui origem na adoração dos ídolos. Não são as más condutas morais que levam o ser humano à idolatria: o culto aos deuses falsos é que acarreta os demais desvios. Pode-se afirmar, conseqüentemente, que o pecado tem sua gênese – ao menos remota – na *ignorância* acerca de Deus. A subunidade de Sb 14,22-31 discorre sobre o surgimento da imoralidade e oferece uma acerba descrição do modo de vida deplorável dos idólatras. Essa perícopé é demarcada pela seguinte inclusão: “Não lhes bastou errar acerca do conhecimento de Deus (τὸ πλανᾶσθαι περὶ τὴν τοῦ θεοῦ γνῶσιν)” (14,22a) e “raciocinaram mal acerca de Deus (κακῶς ἐφρόνησαν περὶ θεοῦ)” (14,30b)<sup>25</sup>. A causa última que leva os idólatras a sua conduta depravada é, portanto, o desconhecimento *acerca de* (περὶ) Deus. Esse fato é sublinhado por Sb 14,22b, que oferece uma interessante síntese da existência dos idólatras no mundo: “vivendo em uma grande guerra de ignorância (ἐν μεγάλῳ ἀγνοίας πολέμῳ), a males assim tão grandes chamam de paz”. Como observa Scarpát, a única e decisiva ἄγνοια, para a Sabedoria, é aquela sobre Deus: “ignorar” é sempre *ignorare Deum*<sup>26</sup>. Depois de ter arrastado o ser humano à idolatria, a ignorância o leva ao pecado e a suas conseqüências: inquietação e medo (Sb 17,12). O passo seguinte, apresenta uma lista de pecados<sup>27</sup> que podem ser considerados como frutos da ἄγνοια:

Com seus ritos infanticidas, mistérios escondidos  
e as excitadas orgias de seus estranhos rituais,  
eles não mantêm puros nem a vida nem o matrimônio.  
Um ao outro, eliminam-se arditosamente, ou afligem-se com o adultério.  
São envoltos por uma mistura de sangue e homicídio, roubo e fraude,  
corrupção, infidelidade, agitação, perjúrio,  
confusão acerca do bem, ingratidão,

<sup>25</sup> GILBERT, M., La critique des dieux dans le Livre de la Sagesse (Sg 13-15), p. 157.

<sup>26</sup> SCARPAT, G., Libro della Sapienza, 3, p. 103.

<sup>27</sup> Listas de pecados eram comuns no mundo judaico ao tempo do livro da Sabedoria: *T. Rub.* 3,3-6; *Sib.* 3,36-45; FILO de Alexandria, *Cher.* 92. Tais listas são frequentes também nas cartas paulinas: Rm 1,29-31; Gl 5,19-21; Ef 4,17-19; Cl 3,5-9.

impureza das almas, inversão sexual,  
e desordem no uso do matrimônio, com adultério e licenciosidade.  
A adoração aos ídolos inomináveis  
é princípio, causa e cúmulo de todo mal (Sb 14,23-27).

Tais condutas nascem, segundo o autor, do fato que aqueles que as praticam *ignoram* que receberão um castigo: “confiando em ídolos sem vida, pensam que não haverá punição alguma” (Sb 14,29). Por isso, o anúncio da punição às condutas injustas é parte central de Sb 1-6; Sb 10-19 e constitui a tentativa do autor de subtrair o leitor à *ignorância*. Afinal, para o sábio, a idolatria tem efeito destrutivo das relações humanas. Por detrás dos males da convivência, existe sempre um problema religioso. Neste ponto se vê uma certa relação entre o livro da Sabedoria e o de Oseias. A lista de pecados acima reportada depende provavelmente de Os 4,1-2<sup>28</sup>. No contexto de denúncia da idolatria de Israel, o profeta declara:

Um juízo da parte do Senhor aproxima-se dos habitantes da terra, pois não há verdade, nem misericórdia e nem conhecimento de Deus (ἐπίγνωσις θεοῦ) sobre a terra! Ao invés, mentira, homicídio, roubo e adultério espargem-se sobre a terra, acumulando-se sangue sobre sangue (Os 4,1b-2<sup>LXX</sup>)<sup>29</sup>.

Também Oseias considera a *idolatria* e a *ignorância* de Deus que a engendra como a causa dos males do mundo. Mais adiante, o profeta lamenta: “Meu povo é comparável a quem não tem conhecimento (ὅς οὐκ ἔχων γνῶσιν)” (Os 4,6<sup>LXX</sup>)<sup>30</sup>. Israel se tornou *como os gentios*: idólatras e adúlteros (na acepção literal e religiosa deste último termo; Os 1-3). Realizam obras próprias de quem *ignora* a Deus. Dito isto, torna-se compreensível a sentença: “Eu quero

---

<sup>28</sup> MAZZINGHI, L., Libro della Sapienza, p. 557.

<sup>29</sup> Além do tema da *ignorância* sobre Deus, Os 4,1-2<sup>LXX</sup> e Sb 14,23-27 compartilham um vocabulário comum: mentira (ψεῦδος/ δόλος, ἀπιστία), falta de misericórdia (οὐκ ἔστιν ἔλεος/ χάριτος ἀμνηστία), αίμα, φόνος, κλοπή, μοιχεία. Em comparação com Oséas, porém, a Sabedoria enfatiza pecados de natureza sexual. Analogamente ao profeta – que anuncia consequências cósmicas da má conduta humana (Os 4,3) – o nosso livro considera que a idolatria causou uma desordem na criação, que será sanada pela “visita” dos ídolos (Sb 11,14).

<sup>30</sup> O TM atesta תַּדַּעַת הַדָּעַת מִבְּלִי הַדָּעַת עִמִּי מִבְּלִי הַדָּעַת עִמִּי. O verbo מהדע seria traduzido como “[meu povo] é silenciado por falta de conhecimento”. Assim o traduz a *Vulgata*. A BHS, porém, propõe מהדע: “Meu povo *perce* pela falta de conhecimento”.

misericórdia e não sacrifício; conhecimento de Deus (ἐπίγνωσιν θεοῦ) mais que holocaustos” (Os 6,6<sup>LXX</sup>; Mt 9,13; 12,7). O livro de Jeremias apresenta uma ideia semelhante. Denunciando o pecado de Judá, o Senhor afirma:

Todos [do meu povo] são adúlteros, sínodo de violadores! Retesam suas línguas como arcos; sobre a terra prevalece a mentira, ao invés da fidelidade. Procedem de maldade em maldade (ἐκ κακῶν εἰς κακά) e não me conhecem (ἐμὲ οὐκ ἔγνωσαν)! (Jr 9,2<sup>LXX</sup>).

Também aqui o desconhecimento de Deus é diretamente relacionado com a maldade ou κακία. Não se trata de um caso isolado. Na LXX, a ἄγνοια é, por vezes, sinônimo de culpa e de pecado<sup>31</sup>. A versão grega do livro de Daniel, por exemplo, emprega o paralelismo *ignorância-pecado* (Dn 4,33-34; 6,5<sup>LXX</sup>). Nabucodonosor perde o domínio real por causa de sua ἄγνοια e de seus pecados. À destruição do reino babilônico pelos persas é atribuída uma função pedagógica: serviu para que Nabucodonosor (re) conhecesse (verbo ἐπιγινώσκω) que o Senhor tem poder sobre o reino dos homens (Dn 4,31-34<sup>LXX</sup>). Ao ser encontrado ileso na cova dos leões – onde havia sido lançado por se recusar a adorar o rei persa e a negligenciar suas orações –, Daniel diz a Dario: “Deus me salvou dos leões porque fui justo diante d’Ele! Também diante de ti, ó rei, não se encontrou em mim ignorância nem pecado (οὔτε ἄγνοια οὔτε ἁμαρτία)” (Dn 6,23<sup>LXX</sup>). Corresponderia, por acaso, essa ἄγνοια ao estado pecaminoso dos pagãos que, sem conhecer a Deus, adoram a deuses falsos<sup>32</sup>? Esta pergunta extrapola objeto deste artigo. Fica claro, porém, que o liame entre *ignorância*, *idolatria* e *pecado* é presente no *milieu* judaico de Alexandria.

Enfim, a relação entre a *ignorância* e os pecados humanos pode ser aprofundada à luz do conceito de κευδοζία que, no livro da Sabedoria, é

<sup>31</sup> Ἄγνοια é empregado na tradução de πῦρ, “culpa” (Gn 26,10; 2Cr 28,13<sup>LXX</sup>; Ez 40,39; 42,13; 44,29; 46,20); ψῆψ, “delito” (Sl 24,5<sup>LXX</sup> [Sl 25,5<sup>TM</sup>]); e ἥψ, “pecado” (Dn 9,16<sup>LXX</sup>). Às vezes, ἄγνοια é sinônimo de ἁμαρτία (1Esd 8,72; 9,20; Eclo 23,3; 28,7); ou é empregado paralelamente a λήθη (negligência) (4Mac 1,5; 2,24). Em 1Re 14,24<sup>LXX</sup> [1Sm 14,24<sup>TM</sup>], ἄγνοια/ἄγνοέω exprimem uma maldição de Saul. A LXX, portanto, aprofundou a concepção judaica de *ignorância*, realizando uma síntese com a concepção helenística. O livro da Sabedoria espelha tal síntese. CERFAUX, L., *Agnoia (Agnosia)*, p. 187.

<sup>32</sup> “[Ἄγνοια] ne représente plus une certain catégorie de péchés dont on est moins responsable que d’autres; elle constitue un état essentiellement peccamineux et coupable, l’état de ceux qui ignorent Dieu: les païens, par opposition aux Juifs”; DUPONT, J., *Gnosis*, p. 3-4.

estritamente conexo ao de ἄγνοια/ἄγνωσία. Κενοδοξία pode significar, literalmente, “glória vazia” ou “ vaidade” (Fl 2,3). No entanto, o sentido etimológico desse vocábulo pode ser também “opinião vazia” ou “erro”<sup>33</sup>. É nesta última acepção que o termo é utilizado em Sb 14,14<sup>34</sup>. Tal interpretação condiz com a importância dada pelo sábio ao verbo πλανῶ (“errar”) ao caracterizar os ídólatras e os ímpios: Sb 2,21; 5,6; 11,15; 12,24; 13,6; 14,22; 15,4; 17,1. À luz dessas considerações, pode-se compreender melhor o sentido da seguinte passagem:

O princípio da fornicação (πορνεία) foi a invenção dos ídolos,  
a descoberta deles representou a corrupção da vida.  
Eles não existiam desde o princípio, nem existirão eternamente;  
Entraram no mundo por meio da vã opinião dos homens (κενοδοξία γὰρ  
ἀνθρώπων),  
e, por isso, está-lhes decretado um fim repentino (Sb 14,12-14).

A “vã opinião” a que o autor se refere consiste, sem dúvida, em uma *ideia errada* acerca de Deus. Esta confunde-se, em última análise, com a *ignorância* acerca do Criador. A *ignorância* é, portanto, o veículo pelo qual a *πορνεία* e a *corrupção* entraram no mundo. O livro procura exortar os leitores à sabedoria (σοφία), ao conhecimento (γνώσις), à inteligência (σύνεσις), à ciência (ἐπιστήμη), à instrução (παιδεία) e à prudência (φρόνησις) para, justamente, afastá-los da *ignorância* (ἄγνοια/ἄγνωσία) ou das *opiniões vãs* (κενοδοξία) difundidas no ambiente alexandrino helenizado.

### 3. Análise de fontes não bíblicas

A responsabilização da *ignorância* pelo surgimento das más condutas foi uma ideia comum entre autores não judeus<sup>35</sup>. Em certa medida, gregos e hebreus

<sup>33</sup> Em *Spec.* 1,27-30, Filo de Alexandria emprega κενοδοξία na acepção de “opinião vã” em um contexto de crítica à idolatria. Trata-se de um interessante paralelo com Sb 14,14.

<sup>34</sup> BAUER, W. et al., *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, p. 538-539.

<sup>35</sup> Por influência do tema “conhece-te a ti mesmo” o termo γνώσις adquiriu um sentido religioso e relevância moral. As tragédias gregas já viam as transgressões humanas como falta de γνώσις da *vontade divina*. A conexão entre *razão* e *moral*, típica da filosofia, acentuou a visão da *ignorância* como origem do mal; CERFAUX, L., *Agnoia (Agnosia)*, p. 186.

concordavam em identificar na ignorância a causa primeira de todos os males<sup>36</sup>. Por isso, embora as fontes principais do livro da Sabedoria sejam certamente as Escrituras, não é improvável que o nosso autor tenha elaborado a sua concepção de *ignorância* também à luz do pensamento helenístico<sup>37</sup>. A este propósito, o clássico de Dupont, *Gnosis*, continua sendo uma obra fundamental, que apresenta interessantes referências sobre o tema do *conhecimento de Deus* em obras não judaicas do período helenístico e romano<sup>38</sup>. O exegeta belga mostra que, na passagem para a era cristã, um significativo número de autores reconhecia a busca pelo *conhecimento de Deus* como uma qualidade filosófica essencial, enquanto a *ignorância* era tida como a origem dos males morais. Tal visão se desenvolveria após a redação da Sabedoria, e seria difundida, com significado diverso, pelo movimento gnóstico<sup>39</sup>.

Cícero afirma que a piedade, a justiça e todas as demais virtudes provêm do “conhecimento dos deuses” (*cognitio deorum*)<sup>40</sup>. Sêneca, por sua vez, sustenta que a *filosofia* não é outra coisa senão “conhecer a verdade sobre as coisas divinas e humanas” (*de divinis humanisque verum invenire*). De tal conhecimento procedem a justiça, a piedade, a religião e todas as virtudes<sup>41</sup>. Nas *Meditações*, Marco Aurélio afirma que a *ἄγνοια* acerca do bem e do mal é o que leva seres humanos a serem ingratos, insolentes, desleais, antissociais e dados à feitiçaria<sup>42</sup>. Como se vê, a ideia da *ignorância* como princípio dos vícios possui raízes sólidas no estoicismo. Acerca da atividade dos filósofos, Epiteto afirma que “é necessário, antes de tudo, que eles aprendam que existe Deus (ὄτι ἔστι θεός), que cuida de todas as coisas por meio de sua providência, e que nenhuma obra, pensamento ou desejo podem se ocultar a seus olhos”<sup>43</sup>. Ainda segundo Epiteto, o filósofo deve agir e falar como um “emulador (ζηλωτής) de Deus”<sup>44</sup>. Conhecer a Deus é, pois, filosofar. Ao despontar do

---

<sup>36</sup> SCARPAT, G., *Libro della Sapienza*, 3, p. 103.107.

<sup>37</sup> Semelhanças de vocabulário sugerem tal influência. Platão, por exemplo, já opunha – como a Sabedoria – *γνώσις* a *ἄγνοια*, e *ἀρετή* (virtude) a *κακία* (maldade); PLATÃO, *Theaet.* 176c.

<sup>38</sup> DUPONT, J., *Gnosis*.

<sup>39</sup> A este propósito: BULTMANN, R., *ἀγνοέω*, p. 318-321.

<sup>40</sup> CÍCERO, *Nat. deor.* 2, 153. Também CÍCERO, *Tusc.* 1,26.64.

<sup>41</sup> SÊNECA, *Ep.* 90, 2.

<sup>42</sup> MARCO AURÉLIO, *Aur.* 2,1.

<sup>43</sup> EPITETO, *Diatr.* 2,14,11.

<sup>44</sup> EPITETO, *Diatr.* 2,14,13.

pensamento gnóstico, no chamado *Corpus Hermeticum*<sup>45</sup>, o conhecimento (γνῶσις) é compreendido como sinônimo de *piiedade* (εὐσέβεια; *Corp. herm.* 9,4), enquanto a ignorância (ἀγνοσία) equivale fundamentalmente à *maldade* (κακία; *Corp. herm.* 10,8). O livro da Sabedoria apropria-se, pois, de uma concepção maciçamente presente na filosofia helenística, adaptando-a à sua mensagem alicerçada nas Escrituras. O que autores helenísticos chamavam conhecimento dos *deuses* ou das *coisas divinas*, o nosso sábio entende como conhecimento do Deus verdadeiro, que exclui a idolatria. Ser *ignorante* significa desconhecer o Deus de Israel.

Além das Escrituras e do pensamento helenístico, o livro da Sabedoria teve, certamente, influências do judaísmo de seu tempo. É difícil, todavia, determinar com precisão quais escritos tiveram um influxo direto sobre o sábio. A noção de *ignorância* foi empregada em diversos escritos judaicos paralelamente à ideia de *idolatria* e à de um estado de *pecado*. Na *Carta de Aristeias*<sup>46</sup>, a ἄγνοια exprime a condição dos que não vivem conforme a Lei judaica (*Let. Aris.* 130). Em certas passagens dos *Testamentos dos Doze Patriarcas*<sup>47</sup>, a ἄγνοια se identifica com os pecados cometidos pelos justos por *inadvertência* (*T. Lev.* 3,5; *T. Jud.* 19,3; *T. Zab.* 1,5)<sup>48</sup>. Tal concepção difere da presente no livro da

---

<sup>45</sup> O *Corpus Hermeticum* é uma coleção de textos pseudo-epigráficos gregos provenientes do Egito dos sécs. I a III d. C. Segundo a compreensão dos autores, “Whoever gains knowledge of God is pious and good and attains salvation. Ignorance, on the other hand, means depravity and ruin for the human being”; HOLZHAUSEN, J., *Corpus Hermeticum*, p. 820. Tal concepção remete, de certo modo, à mensagem da Sabedoria: “The Hermetic authors have taken up various images from their religious environment. (...) The origin of this imagery can most likely be traced back to the syncretism (...), where the portion of Hellenist-Jewish theologoumena is likely to have been the greatest; such common roots can explain the contacts with Christian or Christian-gnostic formulations and ideas”; HOLZHAUSEN, J., *Corpus Hermeticum*, p. 820-821.

<sup>46</sup> Obra escrita em Alexandria, no séc. II a.C., por um judeu instruído na cultura grega; WRIGHT III, B. G., *The Letter of Aristeas*, p. 16-30. Seu ambiente cultural e religioso, portanto, é semelhante ao do livro da Sabedoria.

<sup>47</sup> É difícil determinar a data e o lugar de redação destes escritos. Embora nos tenha chegado apenas a versão grega, é provável que os *Testamentos* tenham sido escritos originalmente em hebraico. Trata-se de uma obra pré-cristã, à qual foram acrescentadas interpolações tardias; PHILONENKO, M., *Les interpolations chrétiennes des Testaments des Douze Patriarches*, p. 4.59; DUPONT-SOMMER, A., *Les écrits esséniens découverts près de la Mer Morte*, p. 313-318.

<sup>48</sup> Passagens minoritárias da LXX identificam ἄγνοια e pecados por *inadvertência*: Lv 5,18; 22,14<sup>LXX</sup>; Ecl 5,5<sup>LXX</sup>. A noção casuística de *ignorância* como atenuante de culpabilidade é uma evolução tardia; CERFAUX, L., *Agnoia (Agnosia)*, p. 187.

Sabedoria que, como vimos, compreende a ἄγνοια como um estado de pecado atribuível aos ídólatras. Já o *Testamento de Rubem* se aproxima da visão de Sb 14,22, segundo a qual a *ignorância* subjaz às faltas sexuais (Sb 14,24-26). Em *T. Rub.* 1,6, a ἄγνοια é sinônimo de impureza sexual: “Eu hoje vos dou testemunho do Deus do céu: não caminheis na mesma ignorância e na impureza sexual que eu consenti a mim mesmo na juventude, tornando impuro o leito de meu pai Jacó” (também *T. Rub.* 2,9). Afastando-se do campo sexual, o *Testamento de Gad* considera a ἄγνοια como um *estado* caracterizado pela *inimizade* (μῖσος). Tal condição pode ser superada somente por meio da conversão (μετάνοια), mediante a qual o indivíduo abandona a ἄγνοια em direção ao conhecimento (γνώσις) e, assim, se abre para a salvação (σωτηρία) (*T. Gad.* 5,1-7). Os *Salmos de Salomão* contêm elementos temáticos e um vocabulário surpreendentemente semelhantes ao nosso livro. A tradução grega dessa obra remonta ao período da redação do livro da Sabedoria e foi feita possivelmente em Alexandria, no mesmo ambiente religioso do sábio<sup>49</sup>. Quanto à ideia de *ignorância*, a versão grega dos *Salmos de Salomão* faz um uso análogo e ao mesmo tempo diverso da Sabedoria. Em certos salmos, a ἄγνοια indica pecados cometidos pelos justos por *inadvertência* (*Ps. Sol.* 3,8; 13,7; 18,4). *Ps. Sol.* 2, porém, contém uma visão que se avizinha ao livro da Sabedoria. O salmista comenta a morte infamante do general Pompeu, interpretada como punição divina pela campanha contra Jerusalém, do seguinte modo:

[Pompeu] dizia: “eu serei o senhor da terra e do mar”.  
Porém, não podia (re) conhecer (verbo ἐπιγινώσκω) que Deus é grande!  
Ele sim é o rei dos céus,  
e o juiz dos reis e dos governantes [da terra].  
É Ele quem me eleva à glória.  
Ele faz os arrogantes se deitarem  
eternamente na sua destruição e desonra,

---

<sup>49</sup> Os *Salmos de Salomão* foram redigidos em hebraico, em Jerusalém, no I séc. a.C. Pouco depois, receberam uma versão grega, que chegou até nós. Há ainda uma sua versão siríaca; DENIS, A.-M., *Introduction aux pseudépigraphes grecs d’Ancien Testament*, p. 60; WRIGHT, R.B., *Psalms of Solomon*, p. 7.11-13. Portanto, os *Salmos de Salomão* possivelmente circulavam no Egito, ao menos em hebraico, à época do livro da Sabedoria. Não é fácil, porém, comprovar um uso de *Ps. Sol.* por parte da Sabedoria. Imersos em um mesmo ambiente religioso, os respectivos autores podem ter empregado fontes comuns.

pois não conhecem (negação de γινώσκω) a Deus (*Ps. Sol.* 2,29-31).

O desconhecimento de Deus, expresso pela negação de (ἐπι) γινώσκω, causa a impiedade e a desonra. Este passo parece ter sofrido, como o livro da Sabedoria, certo influxo de Dn 4,31-34<sup>LXX</sup>. Como vimos, Daniel atribui o castigo de Nabucodonosor ao fato de ele não ter (re) conhecido (ἐπιγινώσκω) que o Senhor tem poder sobre o reino dos homens.

A perspectiva adotada por Filo é ainda mais próxima do livro da Sabedoria<sup>50</sup>. A obra filônica remonta a um período um pouco posterior ao nosso livro e reflete o ambiente pio do judaísmo culto alexandrino. Filo chega a empregar o termo ἄγνοια no contexto de pecados cometidos por *inadvertência*<sup>51</sup>. Contudo, em certas passagens ele, assim como o sábio, relaciona a *ignorância* com a *idolatria* e os *pecados sexuais*:

Tendo produzido pinturas e esculturas de milhares de aparências (ιδέας), [os idolátras] as cercaram com templos e santuários. Ali prepararam altares ornados com esculturas, estátuas e todo tipo de figuras. Prestam, assim, homenagem a toda sorte de objetos inanimados (ἀψύχοις) como se fossem deuses. Com razão, as sagradas escrituras comparam tais homens àqueles que nasceram de prostitutas (τοῖς ἐκ πόρνῆς γεγονόσιν). Estes, [vivendo] na ignorância (ἄγνοιά) acerca do seu genitor natural, chamam de pai a todos os homens que suas mães tiveram como amantes; aqueles, por sua vez, vagando de cidade em cidade sem conhecer Aquele que é (οὐκ εἰδότες τὸν ὄντα) verdadeiramente Deus, inventam para si milhares de deuses mentirosos.<sup>52</sup>

Tais palavras remetem a Sb 14, no que diz respeito ao vocabulário e a algumas ideias fundamentais: a conexão existente entre a idolatria e a ἄγνοια (Sap 14,22); os ídolos entendidos como “aparência”<sup>53</sup>; o liame entre a idolatria e a

---

<sup>50</sup> BERTHELOT, K., Regards juifs alexandrins sur les religions; PALMER, C., Philo's Hellenistic Jewish Approach.

<sup>51</sup> FILO de Alexandria, *Leg.* 1, p. 35.

<sup>52</sup> FILO de Alexandria, *Decal.* 7-8; também *Spec.* 1,53.

<sup>53</sup> No livro há um paradoxo entre *aparência* (acessível aos sentidos dos ímpios) e *realidade* (acessível somente aos sábios); Sb 3,1-15. A arte é criticada por servir à invenção de uma beleza falsa e enganosa: “[In the book of Wisdom,] true and false knowledge, perception, and understanding all become central for divine-human exchange”; WASSERMANN, E., Philosophical cosmology and religious polemic, p. 25.

habilidade artística (14,18-20)<sup>54</sup>; os ídolos como ἄψυχοι (14,29). Filo compara os idólatras aos filhos de prostitutas por meio da analogia, típica das Escrituras, entre a idolatria e πορνεία/μοιχεία (Sb 14,12.26; Os 4,2<sup>LXX</sup>; Jr 13,27<sup>LXX</sup>)<sup>55</sup>. Na *Embaixada a Gaio*, Filo atribui à ἄγνοια a origem da κακοδαμονία (*Legat.* 69) ou, em linguagem filosófica-helenística, o oposto da felicidade (εὐδαιμονία). Analogamente ao livro da Sabedoria, o exegeta alexandrino também insere a ἄγνοια no contexto de uma ampla lista de pecados, ao qualificar os ímpios do seguinte modo:

[São repletos de] impiedade, ateísmo, amor próprio, arrogância e opiniões mentirosas (ψευδοῦς δόξης). São sábios aos próprios olhos, embora não possuam (οὐκ εἰδότες) sabedoria alguma segundo a verdade. [São repletos de] ignorância (ἄγνοια), falta de educação (ἀπαιδευσίαν), falta de instrução (ἀμαθίαν) e toda sorte de defeitos correlatos [à ignorância]. A sua lei é a falta de lei, a injustiça, a iniquidade, a indisciplina, a insolência, a loucura, a teimosia, o hedonismo desmedido e os desejos terríveis contra a natureza.<sup>56</sup>

A ἄγνοια insere-se em um rol de faltas culpáveis e se relaciona com as “opiniões mentirosas” (ψευδεῖς δόξαι). Como já notamos, para o livro da Sabedoria, a idolatria nasce das “opiniões vãs” (κενοδοξία) dos homens e gera toda sorte de pecados. No contexto do judaísmo do período helenístico, tais críticas não comportam grande originalidade, mas mostram que, para os hebreus fervorosos de Alexandria, longe de constituir uma escusa ou redução da culpabilidade, a *ignorância* implica uma condenação severa. Os *ignorantes* são ímpios por excelência<sup>57</sup>. A noção de ἄγνοια presente na Sabedoria e na obra de Filo contribui à compreensão do juízo dos judeus pios alexandrinos acerca da idolatria e das religiões místicas<sup>58</sup>.

---

<sup>54</sup> Como observa Berthelot, tanto em Filo como no livro da Sabedoria, a estética exerce um papel central na gênese do politeísmo; BERTHELOT, K., Regards juifs alexandrins sur les religions, p. 645-646.

<sup>55</sup> Para Sb 14, a idolatria causa a πορνεία (14,12), a impureza no matrimônio (οὔτε γάμους καθαρούς; 14,24), o adultério (νοθεύων; 14,24) e os demais desvios sexuais (μιασμός γενέσεως ἐναλλαγῆ γάμων ἀταξία μοιχεία καὶ ἀσελγεία; 14,26).

<sup>56</sup> FILO de Alexandria, *Post.* 52.

<sup>57</sup> Flávio Josefo emprega o conceito de ἄγνοια em paralelo com ἀπιστία, isto é, com a incredulidade ou falta de fé: *Ant.* 10,142.

<sup>58</sup> BERTHELOT, K., Regards juifs alexandrins sur les religions, p. 656.

#### 4. Ignorância acerca de Deus no NT

A questão acerca de uma possível influência do livro da Sabedoria sobre os autores do NT não foi suficientemente estudada<sup>59</sup>. De modo geral, pode-se dizer que é difícil determinar se certas correspondências lexicais e temáticas decorrem de um influxo do livro da Sabedoria ou se refletem um semelhante ambiente religioso e cultural. A ideia de *ignorância* pode enriquecer esse debate, mediante o confronto do pensamento do sábio com certos escritos neotestamentários.

O *corpus paulinum*<sup>60</sup> menciona algumas vezes o tema da *ignorância*. Assim como Sb 13,1; 14,22, a carta aos Gálatas equipara os *ignorantes* aos idólatras: “Outrora, sem conhecer (negação de οἶδα) a Deus, vos fizestes servos daqueles que, por natureza, não são deuses” (Gl 4,1-11). A *ignorância acerca de Deus* é colocada em direta oposição à filiação divina (Gl 4,1-11), analogamente a Sb 2,13. A carta aos Efésios, por sua vez, atribui a qualidade da ἄγνοια aos *gentios*:

Νόηθε ἄλλοτε ὡς οἱ ἔθνη! ἐν ἀνομίᾳ τῶν σκεψάμενων (ἐν ματαιότητι τοῦ νοῦς αὐτῶν), οὗτοι ἔχουσιν τὴν ἀνομίαν ὡς οἱ ἔθνη διὰ τὴν ἄγνοιαν τὴν οὐκ ἔχουσιν ἐν αὐτοῖς) e da sua insensibilidade de coração. Tendo-se obscurecido [suas inteligências], eles se entregam insaciavelmente, com licenciosidade, a todo tipo de ação impura” (Ef 4,17-19).

Como no livro da Sabedoria, a *ignorância* é uma característica dos pagãos e, portanto, dos idólatras (Ef 5,5)<sup>61</sup>. Como em Sb 13,1; 14,14, a ἄγνοια dos gentios se deve a pensamentos vãos (ματαιότης) e se concretiza em impurezas sexuais (Sb 14,22-31). Longe de constituir uma simples inadvertência, a ἄγνοια afasta os gentios da vida de Deus! A conexão entre *ignorância* e impureza sexual reaparece

---

<sup>59</sup> Há afinidades temáticas entre a Sabedoria e textos do NT, mas não é fácil comprovar a dependência entre os respectivos textos e o nosso livro; LARCHER, Ch., Études, p. 11-26; MAZZINGHI, L., Libro della Sapienza, p. 49-51.

<sup>60</sup> O livro da Sabedoria foi possivelmente empregado por Paulo: KEYSER, P.-G., Sapientia Salomonis und Paulus; GAVENTA, B., The Rhetoric of Death in the Wisdom of Solomon and the Letters of Paul; WALTER, N., Sapientia Salomonis und Paulus; BLISCHKE, F., Die Sapientia Salomonis und Paulus.

<sup>61</sup> Tal perspectiva se encontra em outros livros da LXX: “[Senhor,] derrama a tua ira sobre as nações que não te conhecem (ἐπὶ ἔθνη τὰ μὴ γινώσκοντά σε)” (Sl 78,6<sup>LXX</sup>; também Jr 10,25<sup>LXX</sup>).

em 1Ts 4,5, ao se exortar os fiéis evitarem a *πορνεία*: “Não vos deixeis levar pelas paixões, como os gentios (*τὰ ἔθνη*) que não conhecem (negação de *οἶδα*) a Deus”. Segundo 1Coríntios, a *ἀγνωσία θεοῦ* se revela pela falta de sobriedade e torna os intemperantes “más companhias e corruptores dos bons costumes” (1Cor 15,33-34). Em 2Ts 1,8, os que *não conhecem* (negação de *οἶδα*) o Senhor são ditos “desobedientes ao Evangelho” e merecedores do castigo (*ἐκδίκησις*) divino. Portanto, o *corpus paulinum* aproxima a *ignorância* à *idolatria* e à *imoralidade*.

Uma concepção semelhante se encontra nos Atos dos Apóstolos<sup>62</sup>. Na pregação do Areópago, Paulo capta a benevolência do público mencionando um altar dedicado ao “Deus desconhecido (*Ἀγνώστῳ θεῷ*)” (At 17,23)<sup>63</sup>. A partir do tema da *ignorância* do Deus verdadeiro, dirige-se a uma plateia de idólatras, aos quais o apóstolo (de modo idêntico a Sb 15,18; 19,14) se refere como *ἀγνοοῦντες* (At 17,23), *ignorantes*. Depois de anunciar o Deus verdadeiro capaz de comunicar a filiação divina (At 17,28; Sb 2,13), Paulo declara: “Sem levar em consideração os tempos da ignorância (*τοὺς χρόνους τῆς ἀγνοίας*), Deus agora ordena a todos os homens de todos os lugares que se convertam!” (At 17,30). O Evangelho, segundo tal compreensão, tem a finalidade de impor um ponto final ao período de *ἄγνοια*, isto é, de idolatria<sup>64</sup>.

Finalmente, pode-se identificar uma certa relação entre a concepção de ignorância do livro da Sabedoria e 1Pedro<sup>65</sup>, que exorta aos neófitos vindos do

---

<sup>62</sup> A possível relação entre o livro da Sabedoria e Lucas-Atos foi tratada em MCLACHLAN, H., St. Luke, p. 242-256. A partir de um interessante elenco de usos lexicais comuns à obra lucana e à Sabedoria (p. 254-256), que inclui diversos *hapax* no NT, McLachlan concluiu que «Luke knew and to some extent was influenced by what is the most remarkable of all the Apocryphal Books (*sic*), namely the so-called Wisdom of Solomon»; MCLACHLAN, H., St. Luke, p. 254. Larcher mostra-se mais cauto: «en définitive, on doit se contenter d’affirmer: Luc a pu connaître le Livre de la Sagesse et cette possibilité s’appuie sur plusieurs séries d’indices»; LARCHER, Ch., Études, p. 14. Há ainda análises comparativas de passagens pontuais da Sabedoria e de Lc-At: SMITH, D., The “assumption” of the righteous dead in Wisdom of Solomon and the Sayings Gospel Q; STRAIT, D., The Wisdom of Solomon, Ruler Cults, and Paul’s Polemic. Sobre a possível relação da Sabedoria com João e Mateus: CLARK, D., Signs in Wisdom and John; DE TROYER, K., An Exploration of the Wisdom of Solomon.

<sup>63</sup> A pregação de Paulo em Atenas é contextualizada pelo sentimento de zelo que o Apóstolo experimentou ao constatar a grande quantidade de ídolos (*κατείδωλος*) que havia na cidade (At 17,16).

<sup>64</sup> Em At 3,17a *ἄγνοια* não se relaciona tanto com a idolatria, mas principalmente com a *inadvertência*, talvez em alusão a Lc 23,34 (*οὐ γὰρ οἶδασιν τί ποιῶσιν*).

<sup>65</sup> Uma das maiores lacunas no estudo das relações entre a Sabedoria e o NT é a ausência de uma análise comparativa aprofundada entre o nosso livro e 1Pedro. Goodrick já observava que 1Pedro

paganismo: “Como filhos obedientes, não vos conformeis às vossas antigas paixões, [às quais vos sujeitáveis] na ignorância (ἐν τῇ ἄγνοίᾳ)” (1Pd 1,14). A ἄγνοια equivale às paixões desordenadas e se opõe à filiação e à obediência a Deus. Ao exortar os cristãos a obedecerem às autoridades civis do mundo gentílico, diz-se: “Pois esta é a vontade de Deus: que praticando o bem, reprimais a ignorância (τὴν ἀγνοσίαν) dos homens insensatos (τῶν ἀφρόνων)” (1Pd 2,15). A ἀγνοσία, portanto, é associada à insensatez e se relaciona especialmente com os pagãos.

Independentemente da comprovação de um influxo direto do livro da Sabedoria sobre as obras acima mencionadas, percebe-se que a síntese entre pensamento bíblico e helenístico nele presente ressoa no NT. A *ignorância* é considerada um atributo dos gentios e se exprime por meio da prática da idolatria e de uma conduta moral culpável, caracterizada especialmente pelas transgressões de natureza sexual. A Boa Nova, assim como o livro da Sabedoria, quer extirpar em seus leitores a ἄγνοια/ ἀγνοσία. Ecos de tal compreensão se encontram ainda em escritos da época patrística. Clemente romano, por exemplo, afirma que, através de Jesus Cristo, o Pai “vos chamou das trevas à luz, da ignorância (ἀπὸ ἀγνοσίας) ao (re) conhecimento (εἰς ἐπίγνωσιν) da glória do seu nome” (1Clem. 59,2)<sup>66</sup>. Clemente alexandrino, por sua vez, apresenta uma perspectiva próxima ao livro da Sabedoria: “Dois são os princípios de todos os pecados: a ignorância (ἄγνοια) e a fraqueza (ἀσθένεια)” (Strom. 7,16,101,6). Inácio de Antioquia identifica a ἄγνοια com a κακία e a relaciona, particularmente, aos pecados de magia e feitiçaria (Ign. Eph. 19,3). Justino, analogamente à Sabedoria, associa a ἄγνοια às opiniões falsas (ψευδοδοξία) (2Apol. 14). Também para autores cristãos de língua grega, portanto, a origem dos males e da infidelidade se encontra na ἄγνοια/ ἀγνοσία.

---

é o livro do NT com mais correspondências lexicais e temáticas com o livro da Sabedoria; GOODRICK, A., The Book of Wisdom, p. 9. Dentre tais correspondências, encontram-se temas fundamentais da Sabedoria como, por exemplo, a *incorruptibilidade* (1Pd 1,4.23), a *prova* (1Pd 1,7), a *visita* (1Pd 2,11) e a ἄγνοια/ ἀγνοσία.

<sup>66</sup> ORÍGENES de Alexandria, *Comm. Matt.* 16,11; *Cels.* 1,53; 5,63; 6,4. Orígenes emprega ἄγνοια como sinônimo κακία e afirma que essa é um dos maiores males (κακοί) existentes no mundo; ORÍGENES de Alexandria, *Cels.* 4,65; 7,69.

## Conclusão

Não é de se surpreender que, em um livro cujo objeto central é o elogio à sabedoria (Sb 7-9), o tema da ignorância possua relativa importância. No livro da Sabedoria, a ignorância consiste antes de tudo em *ignorare Deum*: é a característica típica dos ímpios, que os leva a abandonar o Senhor pela idolatria ou pela falta de confiança em seus desígnios. A *ignorância* não se confunde com as faltas cometidas por inadvertência, ou com alguma circunstância de redução de culpabilidade moral. Trata-se, ao invés, do estado pecaminoso de quem, apartado da sabedoria, encontra-se sob o domínio da maldade ou κακία. A idolatria, segundo o autor, não decorre do acúmulo de condutas más dos seres humanos. Ao contrário: engendrada diretamente pela ignorância, a idolatria é a causa de todos os males. A ignorância e o conceito afim (e quase sinônimo) de κευδοξία são, portanto, a causa remota de todos os males. Assim como certos escritos judaicos e neotestamentários, o livro da Sabedoria enfatiza a relação existente entre a ignorância e os pecados sexuais. Isso se deve à analogia – recorrente no pensamento bíblico e judaico – entre a idolatria e o adultério. Toda a obra é destinada a arrancar o leitor ao perigo da ignorância, para assim introduzi-lo na παιδεία (instrução), na (ἐπί) γνῶσις (conhecimento), na σύνεσις (inteligência), na ἐπιστήμη (ciência) ou na σοφία (sabedoria) de Deus. O autor realiza uma síntese entre a noção *teológica* da ignorância sobre o Deus de Israel e a ideia *filosófica* da ignorância das coisas humanas e divinas segundo autores helenísticos, especialmente da escola estoica. Tal síntese, realizada em vista do diálogo com o ambiente helenizado e sincrético de Alexandria, encontra eco em certos escritos do NT dirigidos a comunidades mistas, assim como no pensamento de autores da patrística.

## Referências bibliográficas:

AMMANN, Sonja. **Götter für die Toren**. Die Verbindung von Götterpolemik und Weisheit im Alten Testament. Berlin: De Gruyter, 2015. (BZAW, 466).

BARCLAY, John M.G. **Jews in the Mediterranean Diaspora**. From Alexander to Trajan (323 BCE 117 CE). Edinburgh: T&T Clark, 1996.

BAUER, Walter et al. (Orgs.). **A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature**. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

BERTHELOT, Kathell. Regards juifs alexandrins sur les religions. **Revue de l'histoire des religions**, v. 4, p. 635-660, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4000/rhr.8825>. Acesso em: 15 jan. 2021.

BIANCHI, Ugo, **La religione greca**. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1975.

BLISCHKE, Folker. Die Sapientia Salomonis und Paulus. In: NIEBUHR, Karl-Wilhelm (Org.). **Sapientia Salomonis (Weisheit Salomos)**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2015. p. 273-291. (SAPERERE, 27).

BULTMANN, Rudolf K. Ἄγνοεῶ. In: KITTEL, Gerhard et al. (Orgs.). Grande lessico del Nuovo Testamento. Brescia: Paideia, 1965. p. 309-328. v. 1.

CERFAUX, Lucien. Agnoia (Agnosia). In: KLAUSER, Theodor et al. (Orgs.). **Reallexikon für Antike und Christentum**. Sachwörterbuch zur Auseinandersetzung des Christentums mit der antiken Welt. Band 1. Stuttgart: Hiersemann Verlags, 1950. p. 186-188.

CLARK, Douglas K. Signs in Wisdom and John. **Catholic Biblical Quarterly**, v. 45, p. 201-209, 1983. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/43719004>>. Acesso em: 25 jun. 2025.

DENIS, Albert-Marie. **Introduction aux pseudépigraphes grecs d'Ancien Testament**. Leiden: Brill, 1970. (SVTP, 1).

DUPONT, Jacques. **Gnosis**. La connaissance religieuse dans les epîtres de saint Paul. Louvain: Nauwelaerts, 1960<sup>2</sup>. (Universitas Catholica Lovaniensis 2, 40).

DUPONT-SOMMER, André, **Les écrits esséniens découverts près de la Mer Morte**. Deuxième édition revue et augmentée. Paris: Payot 1962. (Bibliothèque historique).

GAVENTA, Beverly R. The Rhetoric of Death in the Wisdom of Solomon and the Letters of Paul. In: HOGLUND, Kenneth G. (Org.). **The Listening Heart**. Essays in Wisdom and Psalms in Honor of Roland E. Murphy, O. Carm. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1987. p. 135-139. (JSOTSup, 58).

GILBERT, Maurice. **La critique des dieux dans le Livre de la Sagesse (Sg 13-15)**. Roma: Biblical Institute Press, 1973. (AnBib, 53).

GILBERT, Maurice. La connaissance de Dieu selon le Livre de la Sagesse. In: COOPENS, Joseph (Org.). **La notion biblique de Dieu**. Le Dieu de la Bible et le Dieu des philosophes. Journées bibliques de Louvain 25, 1974. Leuven: University Press, 1976. p. 191-210. (BETHL, 41).

GILBERT, Maurice. La Sagesse de Salomon et l'hellénisme. In: GILBERT, Maurice. **La Sagesse de Salomon**. Recueil d'études (Wisdom of Solomon. Collected Essays). Roma: G&B Press, 2011. p. 27-44. (AnBib, 189).

GOH, Lionel. Ἄγνοια in Wis 14:22. **Studia Biblica Slovaca**, v. 16, p. 230-247, 2024. Disponível em: <<https://biblica.sk/wp-content/uploads/StBiSl-16-02-2024-komplet.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2025.

GOODRICK, Alfred T. S. **The Book of Wisdom**. London: Rivingtons, 1913. (OCBC).

HOLZHAUSEN, Jens. *Corpus Hermeticum*. In: ALLISON, Dale C. et al. (Orgs.). **Encyclopedia of the Bible and Its Reception**. Berlin: De Gruyter, 2012. p. 820-821. v. 5.

HORBURY, William; NOY, David. **Jewish Inscriptions of Graeco-Roman Egypt** (= JIGRE). With an index of the Jewish inscriptions of Egypt and Cyrenaica. Cambridge, UK: Cambridge University Press 1992.

IOVINO, Paolo. «Dio unico e sapiente» nella lettera ai Romani. Relazioni com il libro della Sapienza? In: BELLIA, Giuseppe; PASSARO, Angelo (Org.). **Il libro della Sapienza**. Tradizione, redazione, teologia. Roma: Città Nuova Editrice, 2004. p. 301-324. (Studia biblica, 1).

KASHER, Aryeh. **The Jews in Hellenistic and Roman Egypt**. Tübingen: Mohr Siebeck, 1985. (TSAJ, 7).

KEYSER, Paul-Gerhard. **Sapientia Salomonis und Paulus**. Eine Analyse der Sapientia Salomonis und ein Vergleich ihrer theologischen und anthropologischen Probleme mit denen des Paulus im Römerbrief. Halle: [s.n.], 1971.

LARCHER, Chrysostome. **Études sur le livre de la Sagesse**. Paris: Gabalda, 1969. (Études bibliques).

MCLACHLAN, Herbert. **St. Luke**. The man and his work. Manchester: The Manchester University Press, 1920. (Theological series, 3).

MAZZINGHI, Luca. **Libro della Sapienza**. Introduzione – Traduzione – Commento. G&BPress: Roma 2020. (AnBib, 13).

MAZZINGHI, Luca. Gli “empi” di Sap 2 e la polemica intragiudaica ad Alessandria. In: CRIMELLA, M. et al (Orgs.). **Extra ironiam nulla salus**. Studi in onore di Roberto Vignolo nel suo LXX compleanno. Milano: Glossa, 2016. p. 101-126.

NIEHOFF, Maren R. **Jewish Exegesis and Homeric Scholarship in Alexandria**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

PALMER, Carmen. Philo’s Hellenistic-Jewish Approach in On the Decalogue and On the Contemplative Life: Blending Wisdom of Solomon’s Critique against Idols with a Hellenistic Notion of Moderation. **Journal of Ancient Judaism**, v. 13, p. 186–201, 2022.

PANTELIA, Maria C. (Org.). **Thesaurus Linguae Graecae®** Digital Library. Irvine: University of California. Disponível em: <<http://www.tlg.uci.edu>>. Acesso em: mai. 2025.

PHILONENKO, Marc. **Les interpolations chrétiennes des Testaments des Douze Patriarches et les manuscrits de Qoumrân**. Paris: Presses Universitaires de France, 1960. (Cahiers de la Revue d’Histoire et de Philosophie Religieuses, 35).

SCARPAT, Giuseppe. **Libro della Sapienza**. Testo, traduzione e commento. Volume terzo. Brescia: Paideia, 1999. (Biblica, 6).

SIEGERT, Folker. Early Jewish Interpretation in a Hellenistic Style. In: SÆBØ, Magne (Org.). **Hebrew Bible/ Old Testament: The History of Its Interpretation**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1996, p. 191-196. Volume 1: From the Beginning to the Middle Ages (Until 1300).

SIQUEIRA, Fábio da Silveria. A Contemplação do Criador na grandeza e beleza das Criaturas: Sb 13,5 no contexto da *Laudato Si’* 12. **Revista Pesquisas em Teologia**, v. 2, n. 4, p. 160-179, 2019. DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.PqTeo.2595-9409.2019v2n4p160. Acesso em: 20 dez. 2025.

SMITH, Daniel A. The “assumption” of the righteous dead in the Wisdom of Solomon and the Sayings Gospel Q. **Studies in Religion**, v. 29, p. 287-299, 2000.

STRAIT, Drew J. The Wisdom of Solomon, Ruler Cults, and Paul’s Polemic against Idols in the Areopagus Speech. **Journal of Biblical Literature**, v. 136, p. 609-632, 2017.

TCHERIKOVER, Victor A. **Hellenistic Civilization and the Jews**. Philadelphia: The Jewish Publications Society of America, 1959.

*Thesaurus linguae latinae*. Index, Editus auctoritate et consilio Academiae quinque Germanicarum Berolenensis Gottingensis Lipsiensis Monacensis Vindobonensis, Teubner, Leipzig 19905. Disponível em: <<http://publikationen.badw.de/de/thesaurus/lemmata>>. Acesso em: abr. 2025.

TRIPOLITIS, Antonia. **Religions of the Hellenistic-Roman Age**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2002.

DE TROYER, Kristin. An Exploration of the Wisdom of Solomon as the Missing Link Between Isaiah and Matthew. In: VAN DER MEER, Michaël N. (Org.). **Isaiah in Context**. Studies in Honour of Arie van der Kooji on the Occasion of His Sixty-fifth Birthday. Leiden: Brill 2010. p. 215-227. (VTSup, 138).

WALTER, Nikolaus. Sapientia Salomonis und Paulus: Bericht über eine Hallenser Dissertation von Paul-Gerhard Keyser aus dem Jahre 1971. In: HÜBNER, H. (Org.). **Die Weisheit Salomos im Horizont Biblischer Theologie**. Neukirchen – Vluyn: Neukirchener 1993. p. 83-108. (BthSt, 22).

WASSERMANN, Emma. Philosophical cosmology and religious polemic: The “worship of creation” in the writings of Philo of Alexandria and the Wisdom of Solomon. **Journal for the Study of the Pseudepigrapha**, v. 31, p. 6-28, 2021.

WRIGHT, Robert B. **The Psalms of Solomon**. A Critical Edition of the Greek Text. London: T&T Clark, 2007. (JCTC, 1).

WRIGHT III, Benjamin G. **The Letter of Aristeeas**. ‘Aristeeas to Philocrates’ or ‘On the Translation of the Law of the Jews’. Berlin: De Gruyter, 2015. (CEJL).



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2025v6n12a07

***João Bechara Ventura***

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana  
Docente no Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de  
São Paulo  
São Paulo / SP – Brasil  
E-mail: becharaventura@gmail.com

Recebido em: 25/06/2025

Aprovado em: 26/12/2025